

As regras da subversão: Roberto Schwarz, Bertha Dunkel e a revista *Teoria e Prática*

[*The rules of subversion: Roberto Schwarz, Bertha Dunkel and “Teoria e Prática” journal*

Lidiane Soares Rodrigues¹

Este trabalho resulta de uma bolsa Fapesp de pós-doutorado.

RESUMO • O artigo trata do “Grupo 2 do Seminário sobre *O Capital* de Marx”, promovido por Roberto Schwarz e Ruy Fausto em 1963, assim como de sua transformação na revista *Teoria e Prática*. Trata-se de estabelecer os nexos entre a morfologia e a produção intelectual dos membros participantes. Considerando o perfil e as posições institucionais dos “teóricos práticos” e dos autores por eles criticados, propõe uma interpretação a respeito dos atípicos para a “crítica da crítica”. No interior dessa configuração, Roberto Schwarz criou uma personagem geralmente tratada de modo pouco sistemático por seus comentaristas, Bertha Dunkel, demonstrando que ela encerra uma chave de leitura importante e nada anedótica.

PALAVRAS-CHAVE • Sociologia dos intelectuais marxistas; *Teoria e Prática*; Bertha Dunkel; marxismo universitário; “Seminário d’*O capital*”.

ABSTRACT • This article analyzes the “Group 2 of the Seminar on Marx’s *Capital*”, promoted by Roberto Schwarz and Ruy Fausto in 1963, as well as its transformation into the journal *Teoria e Prática*. It establishes the links between the morphology and intellectual production of the participants. Considering the profile and the intellectual positions of the “practical theorists” and the authors they criticized, it proposes an interpretation with respect to the provocations of the “criticism of criticism”. Within this configuration, Roberto Schwarz created a role which was not systematically engaged with by his commentator, Bertha Dunkel. However, it demonstrates that it concluded with an important insight that was not at all anecdotal. **KEYWORDS** • Sociology of marxist intellectuals; “*Teoria e Prática*”; Bertha Dunkel; academic marxism; *Capital Seminar*.

Recebido em 5 de março de 2019

Aprovado em 8 de outubro de 2019

RODRIGUES, Lidiane Soares. As regras da subversão: Roberto Schwarz, Bertha Dunkel e a revista *Teoria e Prática*. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 74, p. 61-80, dez. 2019.



DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi74p.61-80>

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, São Paulo, SP, Brasil).

*A imagem feliz é uma
utopia cifrada*(Roberto
Schwarz, *A sereia e o
desconfiado*, 1965).

A centralidade de Roberto Schwarz na crítica cultural brasileira dotou-o do controle das temáticas incontornáveis que aprisionam os estudos sobre sua obra. Eles se debruçam sobre as relações com Antonio Candido, com o “Seminário Marx” e com o modernismo em proporção idêntica à forma como Schwarz discorreu sobre esse conjunto de débitos e créditos. Ciente disso, o presente trabalho trata de experiências que tendem a ser diminuídas pelo próprio crítico, e apagadas por seus herdeiros simbólicos, não obstante sua centralidade: o “Grupo 2 de leituras d’*O capital*” e a revista *Teoria e Prática*². Valendo-se de indícios textuais, demonstra um ponto cego da discussão sobre a obra de Schwarz. Esse passo dá ensejo para assinalar a relevância da personagem-pseudônimo “Bertha Dunkel” e da experiência de *TP* – centrais para esclarecer o mencionado “ponto cego”.

UM PRESSUPOSTO, SEM ENGANO; OUTRO, SALVO ENGANO

Nos anos 1960, a crítica dividia-se em duas tomadas de posição: o formalismo e o sociologismo. Antonio Candido recusou essa dissociação entre a mensuração do valor artístico, segundo a capacidade de “expressar” “certo aspecto da realidade” ou realizar as “operações formais” (CANDIDO, 2000, p. 5). Para ele, era necessário articulá-las: “a autonomia da obra” implica “os elementos de ordem social” transformados no “nível da fatura” (CANDIDO, 2000, p. 15). Roberto Schwarz, então seu aluno, adotou a fórmula como uma de suas regras: “o crítico tem de *construir* o processo social em teoria [...] que antes dele o romancista havia percebido e

2 Doravante, *TP*. “Grupo 2 do Seminário sobre *O Capital* de Marx” e *TP* como seu “subproduto” foram empregados por Lourdes Sola (1993, p. 1), membro de ambos. As categorias nativas de classificação são incorporadas no presente texto.

transformado em princípio de construção artística (forma)” (SCHWARZ, 1979, p. 149). Essa “construção” requeria certa interpretação da história, do contrário, como (re)conhecer na forma o referente³?

Bento Prado Jr. (1937-2007) e Gérard Lebrun (1930-1999) propuseram leituras de dois livros de Roberto Schwarz, capazes de explicitar que: a) a fórmula acima não é sua única regra; b) há outros pressupostos, notadamente, uma dimensão *normativa*.

A “CRÍTICA DA CRÍTICA” X “A IDEOLOGIA BRASILEIRA DO JOVEM SCHWARZ”⁴

Bento Prado Jr. avalia *A sereia e o desconfiado* (SCHWARZ, 1981)

Que febre é essa [...] (que) considera(r) como “mal escrito” o que é escrito [...]? [...] Racionalista, [...]. *O estilo de Roberto Schwarz nasce da tentativa de subverter a passividade do leitor e as expectativas normais da leitura* [...] [é como se dissesse] “hei de provocar um curto circuito na tua cabeça”. (PRADO JR., 1985, p. 239 – sublinhados nossos).

[...] ao tentar dar conta da *qualidade* dos textos [...], Roberto nos apresenta seu ideal de linguagem literária [...] a capacidade de captar o movimento da negação no interior do mundo da experiência. [...] Se Dostoievsky fosse capaz de [...] [reconstituir] a gênese dessas contradições, ele tomaria posse plena do sentido de sua obra e se tornaria seu próprio crítico, transformando-se em Roberto Schwarz. [...]. (PRADO JR., 1985, p. 240-242 – sublinhados nossos).

A cumplicidade [...] se transforma em competição e o crítico [...] tem sempre, por definição, a última palavra. [...] Daí esta crítica aparecer como denúncia [...]. Estranho saber, esse que [...] lhe contrapõe a imagem do que ele deveria ser! O paradoxo desta crítica é que, voltada sobretudo para a literatura moderna, só se reconcilia (para além do realismo) com a obra de Brecht e com alguns manuais de natureza didática. O que ela ignora é o projeto próprio da literatura [...]. (PRADO JR., 1985, p. 245 – sublinhados nossos).

3 O modo como o crítico “construiu” esse referente tem sido analisado por: Cevasco, 2014; Rodrigues, 2011; Ricupero, 2008; Waizbort, 2007; Moura, 2004; Arantes, 1994.

4 Trata-se de categorias de recíproca (des)classificação: “crítica da crítica” foi empregado por Schwarz para se referir a Lebrun (SCHWARZ, 1980, p. 154); “ideologia brasileira de Schwarz” foi empregado pelo último para se referir ao primeiro (LEBRUN, 1980, p. 146).

GERARD LEBRUN AVALIA AO VENCEDOR AS BATATAS E O PAI DE FAMÍLIA E OUTROS ESTUDOS

Certo, a “intelligentsia” opera no interior do “establishment”. E daí? (LEBRUN, 1980, p. 150).

[...] nada nos garante que uma transformação revolucionária brusca seja capaz de modificar a condição cultural e a mentalidade dos “excluídos” [...] os bolchevistas conseguiram, nestes 60 anos, assegurar a participação política do “povo”? (LEBRUN, 1980, p. 151 – sublinhados nossos).

Resta saber *em que sentido* se tem direito de falar numa *linha de classe* quando está em questão o corte cultural. [...] as classes têm uma linguagem comum, um mínimo cultural comum que lhes permite negociar, concluir armistícios, exercer pressões políticas [...]. (LEBRUN, 1980, p. 149 – sublinhados nossos).

[ele] é mais representativo da “intelligentsia” que fustiga do que ele pretende acreditar. [para ela] [...] o socialismo do século XX não é “uma ideia fora do lugar”, mas uma ideia fora de qualquer lugar. [...] No que se refere à documentação sobre o marxismo-leninismo *existente, o Brasil é simplesmente uma ilha*. [...] [nesse] vácuo histórico, sem dúvida pode-se continuar a empregar os aparelhos de análise marxistas como se fossem evidentes. (LEBRUN, 1980, p. 148 – sublinhados nossos).

[...] não consigo compartilhar a severidade de Schwarz em relação à cultura, seja porque sou menos maldoso, seja porque sou menos marxista. (LEBRUN, 1980, p. 145 – sublinhados nossos).

[...] o que admiro em Schwarz crítico ideológico é a facilidade com que confunde critérios estéticos e critérios políticos. (LEBRUN, 1980, p. 147 – sublinhados nossos).

Os dois críticos possuíam mesmo léxico e repertório compartilhado pelos círculos do marxismo universitário. O dissenso das categorias de apreciação não se originava de matrizes bibliográficas alheias umas às outras, mas dos *sentidos* divergentes que os agentes atribuíam a elas, em função das modalidades dessa aquisição, *condicionadas* pela história social prévia ao ingresso nesses circuitos (RODRIGUES, 2011, p. 12-34; p. 421-524 ; RODRIGUES, 2019a). Bento Prado Jr. toma posição *contra* o racionalismo; *contra* o antiespontaneísmo – e preferiria a fruição gratuita ao juízo negativo (“mal-escrito”); *contra* o “dever-ser”, oriundo da regra segundo a qual a *melhor forma* artística consiste em “negação”, e a *melhor crítica*, em “denúncia” da incapacidade de exercê-la. Gérard Lebrun toma posição *contra* a combinação de “severidade”, “maldade” e “(muito) marxismo” – o que consistia em “ler e reler” e “esmiuçar” incessantemente a teoria do valor, cujo fiador de legitimidade é “vácuo histórico” a respeito da história do comunismo. Finalmente, a subordinação de materiais diversos a um único esquema analítico é reprovada por ambos, que preferem especificidades: dos gêneros (Bento Prado Jr. cobra o “projeto próprio da literatura”); das esferas

(estética e ideológica, na sardônica assertiva de Lebrun); dos períodos históricos (Lebrun aprova-o para o século XIX e duvida dele para o XX).

O estranhamento dos dois portadores de outro arbitrário cultural (Prado Jr. e Lebrun) demonstra haver não apenas um “processo social construído em teoria” pelo crítico, porém também um contrarreferente, hierarquizando as obras. Schwarz tende a silenciar a respeito desses “pressupostos negativos”⁵, salvo quando coagido a defendê-los, ocasião criada pelas provocações de Lebrun:

DOIS JUÍZOS: MODERAÇÃO X NEGATIVIDADE

[...] a moderação crítica aconselhada por Lebrun é moeda corrente no oficialismo, inclusive e sobretudo de esquerda. [...] apesar das estocadas [...] [trata-se de] uma amigável intimativa ao comedimento. (SCHWARZ, 1980, p. 156 – sublinhados nossos).

[...] desde que as classes trabalhadoras sejam reconhecidas como parte da sociedade civil, [...] o prisma ideológico deixa de ser apropriado à análise cultural. Por que não concluir o inverso? Seja como for, neste passo o tecido cultural é desvestido de sua negatividade [...]. (SCHWARZ, 1980, p. 155 – sublinhados nossos).

[...] surpreendem as advertências de Lebrun contra a disposição excessiva de desmistificar. [...] Este ponto de vista [...] faz ressaltar o movimento de conservadorismo e recuo [...] depois de tudo que se sabe [...] como propor a despolitização da análise cultural? (SCHWARZ, 1980, p. 155 – sublinhados nossos).

5 Em nítido contraste com a abundância deles, pontilhando os textos. O rastreamento dos indícios textuais na obra, sinalizando que, além do *referente* sócio-histórico identificado nas formas artísticas, haja um *antirreferente*, subjacente à apreciação e hierarquização dos materiais, foi sistematizado em: Rodrigues, 2011, p. 452-493. A reação concomitante às publicações, emitida no círculo próximo, parece ser um modo dialógico e não anacrônico de apresentar o mesmo ponto. O pressuposto de que a boa mimese é aquela que representa explicando/criticando consiste em nexos óbvios para leitores de Adorno, Lukács e Benjamin, *imersos no enquadramento da recepção do mesmo círculo intelectual do qual faz parte Roberto Schwarz*. Não por acaso, leituras dessa tríade, realizadas em outros espaços intelectuais não advogam a necessidade desse “referente negativo”: no Rio de Janeiro, por exemplo, à esquerda (tratadas por Rodrigues, 2019b); e à direita (tratadas por Felipe, 2018). Justamente pela “naturalização” da leitura do “marxismo universitário” em São Paulo (RODRIGUES, 2011), com justificativa e esteio na assim chamada “tradição do materialismo dialético”, este artigo, *deliberadamente, não discute* os empréstimos de Roberto Schwarz a esses autores. Trata-se, ao contrário, de caracterizar os condicionantes dessa leitura específica, sem os quais a apropriação dessa “tradição” seria outra (cf. adiante, no item “Um policial lê Roberto Schwarz”). Em suma, não se ignoram, obviamente, os três autores e suas “influências” sobre Roberto Schwarz; do que se duvida é da categoria “influência” (BAXANDALL, 2006). No mesmo intuito de esclarecimento, vale afirmar que esta abordagem não julga o valor e a seriedade intelectuais do que coloca em exame, pois os reputa indiscutíveis. Apenas evita tornar suas *predileções* e seu próprio *gosto* como princípio, meio e fim da pesquisa, preferindo indagar suas condições de possibilidade.

[...] na ausência de tais tensões, a reflexão sobre a cultura contemporânea fica sem assunto. (SCHWARZ, 1980, p. 154 – sublinhados nossos).

Schwarz toma posição *contra* o comedimento, a moderação, a integração salvífica da classe trabalhadora, o oficialismo, o conservadorismo, o recuo, a despolitização, e – contrapartida dessas recusas – *a favor* da contradição, da negatividade e da desmistificação como fundadoras da crítica cultural e ideológica, na qual a falta de tensão é ausência de assunto. Explicita-se o princípio último de apreciação e hierarquização: as obras (e a crítica) “politizadas” e “negativas” são superiores.

Como seria lida a crítica de Schwarz por um agente que não fosse o “leitor amigo” (portador de juízos consensuais) nem “inimigo íntimo” (portador do mesmo repertório, mas de outro arbitrário cultural)? Um agente da polícia política, que o perseguia no exílio, foi o primeiro tradutor para a língua portuguesa do ensaio “Cultura e política, 1964-1969” (SCHWARZ, 1992a), originalmente publicado em francês. Ao comentá-lo, exprimiu um princípio de apreciação do texto *tão alheio quanto ele próprio era ao espaço intelectual em que o ensaio foi concebido*. O caso é típico do paradigma segundo o qual quanto mais distantes forem autor e leitor no espaço social, mais imprevisíveis e distorcidas podem ser as interpretações de um mesmo texto; e, ao inverso, quanto mais próximo forem, mais provável o estabelecimento de consenso de leitura.

UM POLICIAL LÊ ROBERTO SCHWARZ

E é bem possível que a citação de alguns nomes, talvez no intuito de comprometé-los gratuitamente e provocar, talvez repressão tenha como móvel, prejudicar uma corrente à qual não pertencem os presentes autor e publicitário. Pois, à primeira vista parece até insensato entrar nos detalhes de planos e manobras visando combater a ditadura. Ora, ninguém acreditará que o autor Roberto Schwarz possa ser catalogado como insensato, isto após ler sua prosa que, de insensata tem pouca coisa. Pelo contrário. (TRADUÇÃO POLICIAL..., p. 168-169 – sublinhados no original, itálicos nossos)⁶.

Nesta leitura, projeto estético torna-se “plano”; na tentativa de caracterizar a qual dos grupos citados no ensaio pertencia seu autor, o policial concluía tratar-se de uma peça de luta interna à esquerda, com a intenção de entregá-la aos organismos políticos da perseguição. É como se ele indagasse: se o autor do texto não pertence a nenhum dos grupos citados, em qual ele milita? Trata-se de princípios de enquadramento oriundos da guerra psicológica típica do período da guerra fria.

É evidente, na reação a Lebrun, que Schwarz opera segundo regras que extrapolam os elos que ele estabeleceu com Antonio Candido (SCHWARZ, 1979). E seria lógico, portanto, que de modo equivalente ao que comenta como formulou “o processo social em teoria”, ele também esclarecesse em que consiste o conteúdo da “negatividade”,

6 Agradecemos a Marcos Napolitano pela indicação desse documento.

critério de eleição e avaliação das (melhores) obras. Sobretudo considerando-se que a exigência do crítico jamais é satisfeita pelas opções político-ideológicas disponíveis, e tampouco na produção simbólica a elas correspondente⁷. Porém, a tendência em celebrar o que ele aprova e depreciar o que ele reprova – num exercício contínuo de reposição de consenso em torno do arbitrário cultural compartilhado (MOURA, 2004) – não favorece essa indagação.

BERTHA DUNKEL: A FÓRMULA BEM-ACABADA DA NEGATIVIDADE

A caracterização da fórmula geradora dos juízos requer identificar *o conjunto* dos princípios *contra* os quais ele a elabora e o conteúdo resultante disso, isto é, o *antirreferente*. É estratégico analisar, para tanto: “Bertha Dunkel. Um folheto de iniciação política. Didatismo e literatura” (SCHWARZ, 1968) – texto em que se encontra a *sistemática* de suas recusas, *simultaneamente* intelectuais e políticas.

Roberto Schwarz: a) inventou um pseudônimo feminino, aludindo a seu próprio nome (Bertha Dunkel)⁸, para assinar um panfleto escrito por ele; b) o conteúdo do folheto era teórico e militante (a tarefa era explicar a mais-valia aos operários) e apresentado em frases enxutas e linguagem desembaraçada do hermetismo de iniciados em teoria marxista; c) redigiu um comentário para esse folheto (tratando do estilo do texto e do contexto histórico em que foi escrito), prática típica dos tradutores de grandes autores; d) logo, pôde apresentar-se como o tradutor de Bertha Dunkel (do alemão); e) divertiu-se, pois a “coisa teve um desdobramento engraçado porque um intelectual de renome [...] tinha lembrança de Bertha” (SCHWARZ, 2004).

A FÓRMULA DO NEGATIVO

Os anos vinte, na Alemanha, deram frutos de um radicalismo admirável, ligado à iminência da Revolução. Casais não casavam, pois antes dela não valia a pena, e depois não seria mais necessário; não tinham filhos, pois seria melhor nascer já na era socialista, na era da razão. Entre um passaporte de dois anos e um de cinco, o de cinco parecia um despropósito, pois logo se aboliriam as fronteiras. Tudo seria

7 O “movimento de cultura popular” é o único projeto político cultural que não recebe depreciação em “Cultura e política”. Quanto aos demais: o liberalismo não é ideologia, então o marxismo não é crítica; o marxismo do Partido Comunista é ideologia (resultante do populismo e da conciliação de classes que *deveria* criticar); a encenação do Arena, uma ode incongruente ao povo (cuja derrota *deveria* investigar); já seu oposto, o Teatro Oficina, consiste numa ode ao agressor (pois reproduz na forma o princípio da violência da repressão policial, que *deveria* criticar); a Tropicália justapõe, sem síntese, atraso e progresso (que *deveria* superar) (SCHWARZ, 1992a).

8 “Bertha para Roberto, e Dunkel, que quer dizer escuro, para Schwarz, que é preto” (SCHWARZ, 2004). Essa apresentação subordina-se ao propósito deste artigo, para uma exploração exaustiva: RODRIGUES, 2011, p. 494-507.

revolucionado e racionalizado: coisas, costumes, formas e o modo de produção. A Bauhaus, por exemplo, estudava e renovava desde colheres e xícaras até cadeiras, privadas e locomotivas. “Contra a mediocridade utilitária do lucro, o utilitarismo vibrante das necessidades reais [...]”. A orientação prática dava (e dá) valor poético à razão. No interior do experimentalismo, utilidade e beleza não colidiam [...]. Mesmo uma obra de teoria como *História e consciência de classe* (1923) é poética em seu élan transformador. O melhor exemplo é a prosa de Brecht, que é estranha e tem poesia justo porque é vigorosa e desabusadamente lógica. – É neste contexto – guardadas as proporções – que deve ser visto o didatismo de Bertha Dunkel, de quem traduzimos um folheto. O texto é de 1922 e ao que parece destinava-se a um curso de iniciação política. A fim de preservar o tom de cartilha do original, substituí as batatas alemãs (dos exemplos) pelo feijão nacional, e o arado pela enxada.

Antes de entrar para o PC em 1921, B. Dunkel era dona de uma certa reputação de poeta, verdade que escandalosa. Ainda colegial, mas já no pós-guerra, havia participado de um concurso [...] [com poema sobre] “Os testículos de Edgar”. Seu poema foi recusado, “pela natureza filistina do assunto”. Não obstante, foi muito elogiado pelo temido crítico vienense Karl Kraus [...] tinha rigor de filigrana mas também de epitáfio: embora desse ao seu objeto o esplendor da nitidez, não o tratava com benevolência, e tinha um traço entre ascético e assassino. Após um período indeciso, B. D. aproximou-se dos comunistas, abandonando o que o futuro stalinista ferrenho J. Prickless chamava “suas fixações pequeno-burguesas”. Desde então parece ter se dedicado inteiramente à elaboração de textos didáticos e de propaganda, nos quais conservou, entretanto, a sua antiga tendência à formalização da frase, agora a serviço de uma causa melhor. (SCHWARZ, 1968, p. 148 – sublinhados nossos).

No círculo de referência de Schwarz, os produtores simbólicos situavam-se a favor das experimentações formais *ou* da arte engajada. Porém, o dever de escolher entre uma *ou* outra parecia-lhe de “estreiteza desnecessária” (SCHWARZ, [1977] 1992, p. 49). E ele tomou uma posição de recusa dupla às posições opostas, em favor da síntese de ambas: *contra* didatismo/cartilha *ou* formalismo/vanguarda; ciência *ou* arte; lógica *ou* poesia; beleza *ou* utilidade. Bertha/Schwarz recusam a diferenciação: *contra a divisão social do trabalho intelectual* – ela é poeta e militante; ele é autor de ficção e crítico literário; tradutor e comentador da ficção, além de editor do periódico que a publica, *Teoria e Prática*. Por conseguinte, propõem síntese ao que a “deformação profissional” recomenda dividir – o gênero literário elevado (poesia) combina-se ao assunto “filistino” (os testículos); a vida, com a morte (epitáfio/assassino e esplendor)⁹. A “iminência da revolução”, pressuposto de valor assinalado por Lebrun, no antirreferente é o requisito da “melhor” combinação sintética e das condutas

9 Empregamos de modo cruzado categorias classificatórias presentes nas teses sobre Machado de Assis e nos demais textos (como “deformação profissional”, ver: Schwarz, [1977] 2000, p. 47) a fim de insistir na coerência de princípio, acima das hierarquias textuais e dos pertencimentos disciplinares. Para a sistematização deste ponto, e o levantamento sistemático desse entrelaçamento entre os gêneros em que ele se exerce (poesia, crítica, teatro, tradução e tese universitária), aqueles que analisa, além de suas matrizes nacionais e estrangeiras, ver: Rodrigues, 2011, p. 491-524.

sociais e políticas mais avançadas (*contra* o casamento; *contra* a família; *contra* a propriedade privada). A mesma “iminência” suspende o sentido das fronteiras nacionais (dispensando o passaporte de cinco anos): trata-se, portanto, de tomada de posição *contra* o nacionalismo.

Finalmente, o “severo ataque à intelectualidade” brasileira (LEBRUN, 1980) é exercido como deboche. Esse “canular” repetia a invenção de uma carta que Georg Lukács teria enviado a ele, elogiando a qualidade literária de seu alemão, e que foi apresentada no “Seminário Marx”, provocando inicialmente a inveja dos professores, e vexame aos mesmos, depois da revelação da farsa (RODRIGUES, 2019a; LOWY, 2007, p. 334). Compreende-se a graça e o drama pela inversão da hierarquia simbólica – o aluno do seminário, e não os professores, é reverenciado por Lukács. E, se a carta não era verdadeira, ela *poderia* ser, pois Schwarz possuía um capital linguístico específico (domínio do alemão, aprendido domesticamente, com os pais austríacos), de que os demais ou eram destituídos ou o tinham adquirido por meio de íngremes esforços (RODRIGUES, 2019a). Ao provocar a reação dos pares, constrangidos a afirmarem sua dignidade cultural, afirmando “lembrarem de Bertha Dunkel”, ele reforçava a investida *crítica* dirigida *contra* a cultura bacharelesca, da “ordem do relevo social, ornato, fidalguia” (SCHWARZ, 2000, p. 19), pois expunha as extravagantes ambições e as limitadas condições de realização das mesmas entre os brasileiros. Em contrapartida, reiterava sua posição de força simbólica – se podia fazê-lo, era pela posse do recurso linguístico raro e mais ambicionado por todos do espaço. Os dois “canulares” tomam posição *contra* o *modus operandi* da intelectualidade brasileira, e, particularmente, da fração marxista dela. As abundantes homologias (jamais sistematizadas) entre as contradições da importação do liberalismo e da forma romance (no século XIX) e as contradições da importação do marxismo (no século XX) são tangíveis na armadilha que montou para seu círculo. É como se dissesse: liberais ou marxistas, no Brasil, as ideias estrangeiras “degrada(m) e condecora(m)” (SCHWARZ, 2000, p. 20)¹⁰.

A inversão da hierarquia simbólica também aproveita-se do gênero e da idade: Bertha Dunkel é *mulher, jovem*, apreciada *positivamente* pelo “temido” Karl Kraus, e *negativamente* por um “futuro stalinista ferrenho”. A não realização do trabalho de reprodução social (“casais não casavam, não tinham filhos”), a ode à razão num corpo feminino e a não menção a seus atributos de “beleza-mercadoria” ligam-se ao conjunto das figurações do feminino na obra de Schwarz, recorrentemente marcadas pela oposição entre exercício da inteligência e desposseção econômica (*das*

10 “[...] el tema general de las ‘ideas fuera de lugar’ tenía proyecciones espinosas en el presente: ¿y si también el marxismo, como el liberalismo, estuviera ‘desplazado’? Es decir, ¿y si también el marxismo contuviera presupuestos sociales europeos, inhallables en la ex-colonia?” (SCHWARZ, 2009, p. 27). Trata-se de algo tão “espinhoso”, que esse trecho em espanhol não foi traduzido – o que se constata cotejando o texto original (SCHWARZ, 2009, p. 25-27) e sua versão para brasileiros (SCHWARZ, 2012, p. 165-171).

dependentes) (RODRIGUES, 2011, p. 502)¹¹. O embaralhamento dos gêneros feminino/masculino (ela ficcional/ele real), entre a autora-comentada e um autor-comentador, inverte outro princípio: o de mulheres serem objetos passivos (da representação), e homens, produtores ativos (pintores, músicos, críticos). Algo equivalente ocorre na teoria social, posto que, nela, os homens são autores dignos de reverência/comentários, e as mulheres, quando raramente ousam tomar a palavra para discutir teoria, tendem a comentar autores-homens (e não “autoras”). Nada trivial o motivo do riso: Karl Kraus e Roberto Schwarz reverenciam/comentam a obra de uma mulher recém-saída do colegial.

Nesse *alter ego*, encontra-se, portanto, a fórmula dos juízos de apreciação/depreciação, assim como o *antirreferente* – parâmetro por meio do qual se identificam as limitações estéticas e políticas das obras. De qual morfologia se origina o princípio de inversão na base dessa construção simbólica?

A REVISTA *TEORIA E PRÁTICA*: A MORFOLOGIA DO CONTRA¹²

Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP), desde 1958, quando José Arthur Giannotti constituiu “um seminário de Marx”¹³, multiplicaram-se círculos com propósitos equivalentes, que foram assumindo contornos próprios (RODRIGUES, 2011; FRANÇA, 2009). Diversamente do perfil deste primeiro círculo, o “Grupo 2 do Seminário sobre *O capital* de Marx”, promovido por Roberto Schwarz e Ruy Fausto, em 1963, possuía mulheres, casais

11 Sobre a cena do baile em *O pai Goriot*, afirma: “A beleza, como a descrevemos, é feminina e apela para o senso masculino de propriedade. Exibe-se aos presentes, mas destina-se a um só. Como a mercadoria, que põe gula no olhar de todos, mas responde somente à maior oferta, ela alimenta o seu brilho no desejo à volta”. A equiparação da mulher à mercadoria e seu apelo ao senso de propriedade masculino estão ligados ao entendimento de que “a articulação negativa de cabeça e coração – o progresso de uma é a mingua do outro – corresponde à existência em regime de mercado: é preciso depreciar o que se vai comprar” (SCHWARZ, 1981, p. 175-176).

12 O que segue tem o único propósito de caracterizar a lógica que preside a construção das “referências tácitas e alusões inteligíveis restritas ao pequeno círculo” (BOURDIEU, 2001, p. 49) – isto é, esquadrinhar *TP* como grupo. A condição de grupo hermético é tangível nas duas direções *de público leitor* observadas na revista: há textos orientados para os iniciados (no repertório e sentido interno ao grupo), altamente cifrados, como “Bertha Dunkel. Didatismo e literatura” (SCHWARZ, 1968); por outro lado, há textos orientados para a socialização das referências internas, por exemplo, “Notas explicativas” anexas ao artigo de André Gorz “Sartre e Marx” (CHAUÍ, 1966), um glossário filosófico, que tenta viabilizar a leitura para não iniciados (destaco alguns: o cogito de Husserl; o método regressivo-progressivo; as mônadas; a alienação; o prático-inerte; a razão analítica e razão dialética). Não haveria melhor documento da autoconsciência do hermetismo do grupo e do discurso.

13 Categoria de classificação extraída de: Schwarz, 1998.

amorosos, militância política na luta armada, e uma fração dele se orientou para o periodismo, dando origem a *Teoria e Prática (TP)*¹⁴.

TP foi editada em três números, na cidade de São Paulo, entre 1966 e 1968, quando a perseguição da polícia política obrigou seus mentores a encerrá-la. Ela reuniu 25 autores diferentes¹⁵, com dois perfis profissionais: um, predominante, vinculado ao espaço universitário; e outro, diminuto, ao das artes – havendo intensas trocas entre ambos, por meio de áreas como arquitetura, teatro, música e literatura. Assim *TP* se apresenta:

FRONTEIRAS SOCIAIS DA NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

[nos dirigimos a] uma fração da fração alfabetizada e bem posta do País. Poderíamos escrever para uma fração maior. Entretanto, a miséria e o despreparo nacional não tornam mais simples as questões da prática ou teoria, cuja simplificação tem parte no que aconteceu em 64. Os que não sabem ou não costumam ler não serão, naturalmente, nossos leitores, mas são a nossa referência: definem limite, situação e tarefa da palavra escrita, que se não sabe deles não sabe de si nem serve. (SEM INDICAÇÃO DE AUTORIA, 1967, p. 1 – sublinhados nossos).

A intensidade das contribuições indica gradiente de pertencimento dos participantes. Por exemplo, Roberto Schwarz foi o único que escreveu em todos os números, exercitando-se em todos os gêneros possíveis (comentários, tradução, ficção e apresentação). É como se ele *encarnasse* a dinâmica da revista/grupo. Em contraste, são raros os casos em que houve mais de uma contribuição: Ruy Fausto (duas), Lourdes Sola (duas), Augusto Boal (duas). Em geral, as pessoas contribuíram uma única vez, fosse com *traduções* (Betty Milan, do inglês; Marilena Chauí, do léxico filosófico), com *artigos/comentários de livros/peças/discos* (Sérgio Ferro, Henrique Lima, Jean-Claude Bernardet, Geraldo Sarno, Anatol Rosenfeld, Ferreira Gullar, Bento Prado Jr., Eder Sader, Claudio Vouga, Gilda de Mello e Souza, Paul Singer, Emir Sader, José A. Giannotti, João Quartim de Moraes, Michel Lowy, Rui Mauro Marini) ou *textos literários* (Gullar, Zulmira Ribeiro Tavares). A divisão sexual do trabalho é notável: um número reduzido de mulheres, exercendo ou tarefas práticas “invisíveis” (por exemplo, de tradução: Sola, Chauí, Milan, Toledo) ou se situando no polo artístico/feminino (Tavares, Mello e Souza), em oposição ao universitário/teórico (como nos seminários de Marx, de domínio masculino/filosófico). A única exceção é Sola, analisando Durkheim.

Outras revistas político-culturais foram editadas concomitantemente a *TP*:

14 Remetemos o leitor interessado nas diferenças morfológicas entre os dois grupos a: Rodrigues, 2016, p. 6-10.

Os nexos de sentido abaixo baseiam-se em Pierre Bourdieu ([1971] 2003), mas evitam o emprego fácil do jargão: sacerdotes, profetas, mágicos e, sobretudo, “campo”

15 Eliminamos da contagem os autores de textos que foram traduzidos de revistas estrangeiras a fim de direcionar o estudo para o grupo local de referência social.

Revisão (de 1965 a 1967, 6 números); *aParte* (em 1968, 2 números), em São Paulo; e *Revista Civilização Brasileira* (RCB, entre 1965 e 1968, 22 números), no Rio de Janeiro. Os três periódicos paulistas (*TP*, *Revisão* e *aParte*) são social e ideologicamente idênticos: muitos colaboradores (e textos publicados) em comum, dispensam segmentação, dispondo os artigos fora da ordenação disciplinar ou temática, de modo a embaralhar os princípios de hierarquização, dos quais o leitor “pequeno-burguês” seria portador espontâneo¹⁶; são anticapitalistas e críticas do regime estabelecido em 1964¹⁷. Se comparadas à RCB, as três contabilizam *juntas* um total de números que corresponde à metade dos números dela (apenas 11). A diversidade dos colaboradores da RCB é contrastante também: enquanto, nas paulistas, eles são oriundos da própria cidade (da FFCL/USP, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/USP, do antigo *Clima* e do que viria em breve a ser a Escola de Comunicações e Artes/ECA); na RCB, oriundos de várias regiões do país, são militantes comunistas, professores universitários, isebianos, críticos de arte, diplomatas (CZAJKA, 2010).

A densidade rarefeita e a homogeneidade sugerem que as três paulistas não apresentavam apenas quase os mesmos colaboradores, como também o mesmo público leitor; sinalizam, sobretudo, os estreitos vínculos entre os membros mais ativos¹⁸. Portanto, a lógica competitiva dinamizando o círculo pode ser caracterizada pelo nexos entre o perfil e a produção deles – de um lado, o pertencimento ao espaço universitário, e, de outro, os artigos/comentários (de livros/autores recém-publicados e de clássicos)¹⁹. A “leitura estrutural dos textos”, voltada aos textos de Marx, nos seminários, na *TP* seria aplicada a outros autores. E é particularmente interessante a relação dos autores-comentados com os autores-comentadores da *TP*. O princípio subjacente à escolha dos autores-comentadores pelos autores-comentados consiste na inversão das hierarquias do espaço escolar/universitário. Por exemplo: do ponto de vista ideológico, Roberto Schwarz, Ruy Fausto e Lourdes Sola escreveram contra

16 Elas se diferenciam visualmente: *Revisão* e *aParte* atentam à coerência entre a fatura gráfica e o conteúdo ideológico antiburguês. Diferentemente delas, contudo, *TP* possui um projeto gráfico mais convencional, aparentado ao estilo acadêmico, e talvez uma única incursão em experimentação gráfica – é factível aventar que seu modelo seja aparentado ao da RCB.

17 Os colaboradores em comum que puderam ser identificados são: a) com origem nas artes: Jean-Claude Bernardet, Augusto Boal, Zulmira Ribeiro Tavares; b) com origem no espaço universitário: Betty Milan, Roberto Schwarz (cuja tradução de “Ideias para uma sociologia da música” é publicada em *TP* e *Revisão*), Sérgio Ferro, Eder Sader, Emir Sader, Bento Prado Jr.

18 A lógica da competição interna dos minúsculos grupos vanguardistas e politicamente radicais foi finamente caracterizada em dois trabalhos que servem de base ao que se apresenta: Gottraux, 1997 (analisando *Socialismo ou barbárie*); Brun, 2014 (analisando *Os situacionistas*). Os interessados na abordagem sociológica do radicalismo político percebem invariantes, sobretudo no que se refere ao modo de aquisição do capital cultural e às atitudes com relação às autoridades simbólicas. Cumpre esclarecer: chegamos aos nomes desse núcleo “mais ativo” cotejando as diversas listas de mencionadas por eles (ARANTES, 1994; ARANTES, 2002; SADER, 1996; SCHWARZ, 1998, 2001; SOLA, 1993; FAUSTO, 2013), e considerando o pertencimento tanto ao “Grupo 2” quanto à *TP*.

19 Enquanto há 11 textos do tipo artigo/comentário, ficção e poesia contabilizam 4, “análise econômica/política”, 6, “crítica cultural”, 4, “documentos”, 4.

autores de direita; porém, do ponto de vista morfológico, tratava-se de situar-se *contra* as posições dominantes.

Roberto Schwarz e Ruy Fausto eram jovens professores assistentes, dirigiam-se a um professor catedrático, formado na turma de Ciências Sociais de 1950 e colunista d’*O Estado de S. Paulo* (FAUSTO, 1967; SCHWARZ, 1966). Oliveiros S. Ferreira tinha se empenhado em demonstrar domínio do marxismo (FERREIRA, 1964; 1966), mas não passaria na provação imposta pela dupla. O comentário dos dois, baseado na técnica e no repertório dos seminários de Marx, consistiu num exercício de *correção da leitura* do catedrático: ela se tornava ilógica e indisciplinada, de uma indignidade simbólica que demolia a honorabilidade de sua posição e da hierarquia que a tornava legítima. A mesma dinâmica orienta a escolha de Lourdes Sola por Émile Durkheim. Ela opunha-se, de modo indireto, a ninguém mais e ninguém menos do que Florestan Fernandes e a disciplina de Sociologia – figura e área dominantes institucionalmente, construídas como representantes do conservadorismo, pelas tomadas de posição teóricas diferenciais dos assistentes e alunos a seu redor, pelo menos desde 1962²⁰.

Sergio Ferro, Eder Sader, João Carlos Kfourti Quartim de Moraes, Ruy Fausto, José Arthur Giannotti, Bento Prado Jr., Emir Sader escreveram contra autores de esquerda²¹. Os três primeiros escreveram contra seus professores (respectivamente, Vilanova Artigas, Leoncio Martins Rodrigues, Giannotti). Fausto, contra Caio Prado Jr.; Giannotti, contra Althusser: célebres comunistas (MATONTI, 2005; RODRIGUES, 2018). Em operação, o mesmo princípio de escolha dos autores: a inversão da autoridade simbólica e, como resultante, a mesma implosão da hierarquia. Salvo por uma diferença.

Tomar posição contra autores de direita ou de esquerda diz respeito à lógica competitiva da segmentação interna à esquerda. O rendimento simbólico do *contra* a direita é diminuto (todos já tomaram essa posição); é na segunda estratégia que se encontra o atíçamento mais forte e mais rentável simbolicamente, posto que distingue e hierarquiza, segundo os critérios próprios ao meio, inversos ao da

20 Em 1962, Fernando Henrique Cardoso defendeu sua tese de doutoramento, com uma “introdução teórico-metodológica”, com as referências do (primeiro) “Seminário Marx” e *contra* as de Florestan Fernandes, designando-o como durkheimiano estrutural-funcionalista e, portanto conservador (RODRIGUES, 2016). Desde então, nesse espaço, escrever *contra* os clássicos da Sociologia assumiu o sentido de tomar posição *contra* a autoridade simbólica do sociólogo e dessa disciplina (então dominante). Gradativamente, a Sociologia foi passando a representar os conteúdos mais típicos do conservadorismo, e TP documentou essas representações de modo exemplar: 1) Lourdes Sola, *contra* Durkheim – diga-se de passagem, não é casual que Florestan Fernandes possuísse os três exemplares de TP intactos, salvo o artigo de Lourdes Sola, lido e sublinhado – como se constata em sua biblioteca (Acervo da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. Coleções Especiais); 2) Eder Sader, *contra* Leoncio Martins Rodrigues; 3) “Um documento estudantil” (do Diretório Acadêmico da Filosofia, TP, n. 2) ironiza os filósofos com o uso de questionários; 4) “O senso-comum e o bichinho-roedor” ironiza abertamente a disciplina, por conta da estatística e da contabilidade “única” dos bebês (TP, n. 2). Trata-se de variações típicas das investidas do marxismo e da filosofia *contra* a Sociologia (HEILBRON, 1985, p. 228).

21 O único comentador que não se exercita na “leitura estrutural de texto” à caça de incongruências lógicas ou ingenuidades epistemológicas de seu autor comentado é Paul Singer – pudera: é também o único que comenta Karl Marx. Quanto a Emir Sader, procurou defender Debray *contra* seus críticos “à esquerda”.

sociedade inclusiva: *a esquerda da esquerda, a crítica da crítica* é superior à mera esquerda da direita ou crítica do *statu quo* (vista como fácil). Daí tanto a escalada pelo expoente máximo de radicalismo, que não conhece “moderação” para a “severidade”, quanto a “negatividade” e a “desmistificação” como critério de valor. Daí “o que conta à esquerda” (SCHWARZ, [1970] 1992, p. 88) é a (corrida pela) ultrapassagem, sem limites, do “comedimento” e das divisões das artes e dos saberes (isto é, da divisão social do trabalho) e das classes sociais.

As posições de autoridade – clássicos ou professores, “estas longínquas tartarugas”²² – tornam-se corrompidas, posto que possuidoras e interessadas no usufruto dos bens mundanos, isto é, poder, dinheiro e reconhecimento. A disputa por eles condiciona interesses, determina o comedimento político e limita o radicalismo político.

No gargalo das oportunidades de ingresso no nível superior do sistema escolar e de acirramento da competição do acesso a ele – data de 1967 a primeira grande crise de “excedentes” na FFLC/USP –, as fileiras de estudantes e intelectuais dotados de alto capital cultural e de baixas expectativas de realização profissional engrossam. Eles se tornam disponíveis para mensagens proféticas antidisciplinares, cujo teor é o “culto acadêmico do antiacademicismo”²³. No combate discursivo nas páginas de *TP*, é este o tom. Os autores-comentadores vencem a luta simbólica pela mensagem superior e mais consistente contra os autores-comentados e, no mesmo passo, competem entre si – tanto por essa clientela simbólica e aliada ideológica, homóloga à falta de perspectiva que os caracteriza, quanto pelo expoente de radicalismo político. Ao denegarem o que lhes foi, e virtualmente lhes será denegado, constroem discursiva e objetivamente uma posição profética autenticada pelo *desinteresse interessado*, em oposição à postura dos dominantes²⁴. Como é sobejamente sabido, o alicerce da crença no *desinteresse* (dos bens materiais) *interessado* (nos bens espirituais) – consiste em propriedade definidora, por excelência, dos espaços de produção simbólica autônomos (BOURDIEU, 1996, p. 246 e ss.)²⁵.

22 Categoria classificatória encontrada em: Schwarz, [1970] 1992, p. 68.

23 A competição por clientela (ou aliados na militância política propriamente dita) é dedutível das propagandas encontradas em *TP, a Parte e Revisão*. As classes médias em ascensão incerta, situadas num mercado de virtual desvalorização dos diplomas, consistem, segundo vasta bibliografia, no substrato último das *disposições* heréticas e dos *investimentos* educacionais que movimentam os meios radicais (BOURDIEU, 2007, p. 122-162; 371-434; BOURDIEU, 1984; CHARTIER, 1982; CHARLE, 1990). Infelizmente, não há espaço para a análise desse fator.

24 Cf. item anterior (“Fronteiras sociais da negação da negação”).

25 A economia do artigo não permite a discussão teórica que esse ponto tangencia: a recepção fragmentada da teoria de Bourdieu, e centrada no Flaubert d’*As regras da arte*, sedimentou a ideia de que “campo autônomo” implica *alheamento* da política; apagando outros casos e práticas, nas quais o mesmo Bourdieu assinala o nexos entre alto índice de radicalismo político (em sentidos externos ao campo profissional, como é o caso de algumas das trajetórias acima, que se envolvem na luta armada) e de defesa da prática da cultura como valor em si mesmo, *desinteressada* (BOURDIEU, 1984, esp. cap. 1 e 2). Há pesquisas contemporâneas que preferem a investigação deste nexos (defesa do valor da cultura/autonomia e posições políticas mais radicais, posto que mais livres das amarras e dos compromissos com os poderes temporais) – e que inspiram a presente análise: Sapiro, 2016; Brun, 2014.

Contra as regras, esta disputa é regulada pelas regras da subversão: a) eleger autor(idades) hierarquicamente superiores; b) com a perícia de leitura dos seminários, descredita-las (por suas incongruências lógicas e/ou ingenuidades epistemológicas); c) dirigir-se preferencialmente *contra* a própria esquerda (alcançando a melhor posição, a mais avançada, a menos limitada).

MODALIDADES DE NEGAÇÃO DA NEGAÇÃO

As ordens do extraordinário

Uma revista, se não é de doutrina, deve ter caráter, e não programa. Deve ser segura e imprevisível como um bom ensaio, que começa onde valha a pena, e navega e combate em curso incerto, ao sabor do interesse e do raciocínio cerrado. Nossa revista [...] tem convicções, que declara ao leitor: – A conjugação de interesse e raciocínio é subversiva [...]. Queremos raciocinar sobre o que interessa, reabilitar o raciocínio e clarificar os interesses. – Não basta saber filosofia e literatura, nem economia e política. É preciso escrever sobre umas conhecendo as outras. Só assim nos livraremos do lero-lero grã-fino de nossos literatos e da fala cifrada em que os economistas escondem as novas do capital. (TEORIA E PRÁTICA, n. I, 1966 – sublinhados nossos)

QUEM NEGA A HIERARQUIA SE AFIRMA COMO (CONTRA)AUTORIDADE

Eder Sader contra Leôncio Martins Rodrigues

Segundo o autor-comentador, o autor-comentado: “não vê a diferença”, “não se pergunta”, “não percebe alcance”, “vê sem ver”, “não se eleva acima do nível descritivo”, “suas perspectivas são monótonas e recorrentes: se tudo continuar como está, o resto também deverá se manter na mesma tendência”; “a explicação de Leôncio é bem medíocre”; “(o livro) tem as mesmas limitações populistas e desenvolvimentistas”; “não pode enxergar (esses limites, portanto)” (SADER, 1967, p. 76, 75, 82, 83, 85, 85, 86, 86 – sublinhados nossos).

Expliquemos: a análise concreta da consciência populista enquanto manifestação da consciência operária permite-nos aprofundar o conhecimento real da classe desde que não nos dobremos ante ela, desde que enxerguemos seus limites, suas funções e suas máscaras. Vale dizer, desde que procedamos a uma análise e não a sua reverência antes o fato examinado. Buscando uma classe operária “concreta” Leoncio acaba preso à realidade oficial. (SADER, 1967, p. 76).

Schwarz contra Oliveiros S. Ferreira

Dito de outro modo, os termos são movimentados segundo uma regra simples, superposta a eles, que não corresponde ao problema que eles mesmos propõem (SCHWARZ, 1967a, p. 100 – sublinhados nossos).

Ruy Fausto sobre/contra Oliveiros

[...] é desconcertante [...] a sem-cerimônia com que reúne num coquetel compósito as figuras e os projetos políticos mais diversos: num mesmo parágrafo, o coronel Veloso e Rosa Luxemburgo; o almirante Heck a dez linhas de Gramsci; Marx e Engels nos interstícios dos apelos à Pátria Grande [...] reunião incômoda de almas inimigas convocadas ao banquete por arte do anfitrião [...] [uma] baderna, o leitor que o diga.

[...] a lógica da desrazão, embora termine pelo mito, também tem as suas leis. Elucidemos um pouco a natureza formal dos passes teóricos, reconstituindo [...] as condições de possibilidade do ilusionismo ideológico". (FAUSTO, 1967, p. 100, 105 – sublinhados nossos).

Lourdes Sola contra Durkheim (o ingênuo e conservador)

[...] já é de senso-comum julgá-lo (Durkheim) ideólogo, apologista da ordem [...] mas seu pressuposto básico [...] não é submetido a crítica [...]. Esta atitude [...] estabelece uma ruptura entre a análise ideológica e a análise metodológica aplicadas àquele autor [...]. Durkheim deu conta dos problemas que se propôs a analisar? Se forem localizadas insuficiências e contradições, são elas imputáveis a seu método e à sua concepção de ciência social? enfim, têm ambos – método e concepção – um fundamento ideológico? (SOLA, 1967, p. 103 – sublinhados nossos);

[...] para ele (Durkheim) as correlações estatísticas são neutras, objetivas, garantem por si mesmas a legitimidade dos resultados; a tal ponto que cada uma delas é tomada por "lei". Essa confiança nos dados, sobretudo quando quantificados, não se distingue da atitude de senso-comum, porque como ela não os ultrapassa efetivamente, embora Durkheim tenha a pretensão de fazê-lo. (na exposição, advém um contraponto em que Adorno sai vencendo) [...] Por que justamente a religião, a família e os momentos de unidade nacional? Por que a ênfase abstrata na solidariedade como o fim mais alto desses meios? (SOLA, 1967, p. 118-119 – sublinhados nossos).

João Quartim de Moraes contra José Arhtur Giannotti (um comandante contra um professor de Lógica)²⁶: o (seu) pensado é (e não é) real

[...] como lembra Spinoza, o conceito de cão não late. [...] Como muitos descobridores, o prof. Giannotti se deixou levar longe demais por sua descoberta, e em vez de restringi-la ao domínio em que ela é incontestável [...] ele pretende fazê-la explicar a *relação* entre sistema pensado e o sistema real. (MORAES, 1967, p. 99-100).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto de homologias entre as inversões praticadas pelo “Grupo 2/TP” e figuradas em “Bertha Dunkel” é evidente, e, dentre elas, o princípio mais elementar foi caracterizado acima: as posições dominadas dirigem-se contra as posições dominantes. Roberto Schwarz fez, dos princípios competitivos dessa configuração, o princípio de composição de seu *alter ego*. Como, historicamente, ele não reconhecia em (quase) nenhuma realização cultural ou política seu próprio ideal e projeto, somente a ficção poderia representá-los. Por isso, Bertha Dunkel consiste na realização plena das regras da subversão, tal como constituídas na dinâmica “Grupo 2/TP 2”. Encarnando de modo típico e prático a lógica desse círculo, o crítico “construiu em teoria” o conteúdo de um antirreferente, tornado parâmetro operacional para detectar limites da imaginação (e da negação) política e estética. Dito de outro modo, encontra-se aí um outro pressuposto da fatura de sua crítica – que tanto desagradou Bento Prado Jr. e Gérard Lebrun, o mesmo no qual se comprazem os gestores de sua longevidade simbólica, irmanados no consenso de gosto cultural e tomadas de posição políticas.

Esta análise nos pareceu profícua por conferir precisão ao conteúdo do antirreferente do crítico e por colocar em relevo uma dimensão ignorada de sua trajetória. Como procuramos demonstrar, o “Grupo 2” e a TP não têm papel meramente anedótico. A atenção mais fina assinala dessemelhanças de seu projeto autoral em relação a fontes reificadas pela bibliografia – particularmente, com Antonio Candido, que nem sempre opera com tal “negatividade”; e com o (primeiro) “Seminário Marx”, destituído do princípio de negatividade e promotor de uma leitura estritamente escolástica de Marx (RODRIGUES, 2011). Finalmente, a abordagem sugere novas frentes de investigação que dizem respeito a um problema mais amplo. Se a dinâmica do grupo incorporada como princípio negativo na crítica de Schwarz ficou patente, resta caracterizar os capitais específicos distintivos e as habilidades práticas que

26 Duas categorias nativas aludindo às competências militares de João Quartim de Moraes e à cadeira (mas também ao rigor) de Giannotti. Impossível trabalhar o ponto, mas não passam despercebidas nem a apresentação social da virilidade envolvida no polo lógico/duro da Filosofia e nem a alusão ao militarismo – e tampouco a necessidade de exame de como a configuração se fragmenta com o encerramento da revista em função da perseguição política. O exame fino da segmentação desses destinos merece estudo à parte.

tornam esse tipo de engajamento político-cultural socialmente tão restrito, a despeito de sua generosa orientação ideológica à revolução total e universalmente válida (BRUN, 2014; RODRIGUES, 2017) – problemática desafiante para futuras pesquisas.

SOBRE A AUTORA

LIDIANE SOARES RODRIGUES é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

E-mail: lsr@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0003-2011-9888>

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Paulo. *Um departamento francês no ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- ARANTES, Pedro. *Arquitetura nova*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BAXANDALL, Michael. *Padrões de intenção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BRUN, Eric. *Les situationnistes*. Une avant-garde totale. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Paris: Minuit, 1984.
- _____. *As regras da arte*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- _____. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: MICELI, S. (Org.). *A economia das trocas simbólicas*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003. _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CANDIDO, Antonio. (1961). Crítica e sociologia. Tentativa de esclarecimento. In: _____. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CEVASCO, Maria Elisa. Modernização à brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 3, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. “Notas explicativas” anexas ao artigo de André Gorz “Sartre e Marx”. *Teoria e Prática*, n. 1, 1966.
- CHARLE, Christophe. *Naissance des “intellectuels” (1880-1900)*. Paris: Minuit, 1990.
- CHARTIER, Roger. Espace social et imaginaire social: les intellectuels frustrés au XVIIe siècle. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, n. 2, 1982.
- CZAJKA, Rodrigo. A *Revista Civilização Brasileira*. Projeto editorial e resistência cultural (1965-1968). *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 35, fev. 2010, p. 97-117.
- FELIPE, Kaio. *A crise da cultura moderna segundo José Guilherme Merquior*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018.
- FAUSTO, Ruy. Sobre o raciocínio político de Oliveiros S. Ferreira. *Teoria e Prática*, n. 1, 1966.
- FRANÇA, Jacira Silva. *Sociologia da comunicação e recepção do conceito de indústria cultural: o grupo da USP nos anos 1970*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco.

- GOTTRAUX, Philippe. Socialisme ou barbarie. *Un engagement politique et intellectuel dans la France de l'après-guerre*. Lausanne: Éditions Payot, 1997.
- HEILBRON, Johan. Les métamorphoses du durkheimisme, 1920-1940. *Revue Française de Sociologie*, 1985.
- LEBRUN, Gérard. Algumas confusões num severo ataque à intelectualidade. *Discurso*, n. 12, 1980, p. 145-152. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37887/40614>>. Acesso em: set. 2019
- LOWY, Michael. Ad Roberto Schwarz. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton. *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MATONTI, Frédérique. *Intellectuels communistes: essai sur l'obéissance politique*. La nouvelle critique (1967-1980). Paris: La Découverte, 2005.
- MORAES, João Quartim de. Sobre as *Origens da dialética do trabalho*. *Teoria e Prática*, n. 3, 1968.
- MOURA, Flávio. Diálogo crítico. *Disputas no campo literário brasileiro (1984-2004)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.
- PRADO JR., Bento. (1968). A sereia desmistificada. In: _____. *Alguns ensaios: filosofia, literatura e psicanálise*. São Paulo: Max Limonad, 1985.
- RICUPERO, Bernardo. O lugar das ideias: Roberto Schwarz e seus críticos. Rio de Janeiro, *Sociologia e Antropologia*, v. 3, n. 6, nov. 2013, p. 525-556.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.
- _____. Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx (São Paulo, 1958-1964). *Intelligere – Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2016, p. 1-19.
- _____. Desinteresse interessado. *Revista de História da USP*, n. 176, 2017.
- _____. Caio Prado Jr. (1907-1990). In: PARADA, Maurício; RODRIGUES, Henrique Estrada (Org.). *Os historiadores: clássicos da história do Brasil*, vol. 4 – dos primeiros relatos a José Honório. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2018.
- _____. Poder, sexo e línguas entre marxistas brasileiros. *Revista Pós Ciências Sociais*, 2019a [forthcoming]
- _____. Ser marxista no Brasil. *Marx e o pensamento marxista no mundo lusófono*. 2019b [forthcoming]. SADER, Eder. Conflito industrial e luta de classes. *Teoria e Prática*, n. 2, 1967.
- SAPIRO, Gisèle. Le combat pour la liberté intellectuelle. In: CHARLE, Christophe; JEANPIERRE, Laurent. *La vie intellectuelle en France*. Paris: Seuil, 2016.
- SCHWARZ, Roberto. Sobre o raciocínio político de Oliveiros S. Ferreira. *Teoria e Prática*, n. 1, 1966.
- _____. Bertha Dunkel. Didatismo e literatura. *Teoria e Prática*, n. 3, 1968.
- _____. Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969. *Les temps modernes*, Juillet, n. 288, 1970.
- _____. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: LAFER, Celso et al. *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- _____. Resposta a Gerard Lebrun. *Discurso*, n. 12, 1980, p. 153-156.
- _____. (1965). Dinheiro, memória e beleza (*O Pai Goriot*). In: _____. *A sereia e o desconfiado* (ensaios). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, p. 167-188. (Literatura e teoria literária, v. 37).
- _____. (1978). Cultura e política, 1964-1969. In: _____. *O pai de família e outros estudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1992a, p. 70-111.
- _____. (1978). Nota, 1977. Didatismo e literatura (Um folheto de Bertha Dunkel). In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b, p. 55-69.
- _____. Las ideas fuera de lugar: algunas aclaraciones cuatro décadas después. *Políticas de la Memoria*, n. 10-II-12, 2011/2012.

- _____. Por que “ideias fora do lugar”. In: _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo : Companhia das Letras, 2012b.
- _____. (1977). *Ao vencedor as batatas*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.
- _____. Um crítico na periferia do capitalismo. Entrevista concedida a Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. *Pesquisa Fapesp*, n. 98, abril de 2004, p. 12-19. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2004/04/01/um-critico-na-periferia-do-capitalismo/>>. Acesso em: set. 2019.
- _____. Entrevista concedida a [autor(a) (e) (s)] 21/11/2011.
- _____. Um seminário de Marx. *Novos Estudos Cebrap*, n. 50. São Paulo, março, 1998, p. 99-114.
- SOLA, Lourdes. Memorial acadêmico, 1993 (Arquivo da FFLCH. Prontuário 93.1.1530.83. inscrição ao concurso para livre-docência, disciplina Instituições Brasileiras, Departamento de Ciência Política).
- _____. Durkheim: senso-comum e objetividade. *Teoria e Prática*, n. 2, 1967.
- TEORIA E PRÁTICA. Apresentação. *Teoria e Prática*, n. 1, 1966.
- TRADUÇÃO POLICIAL do texto “Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969”. Arquivo do Estado. Processo 50K/86/82.
- WAIZBORT, Leopoldo. *Passagem do três ao um*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.